

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i23.44583>

Ensaio recebido em: 10/08/2022

Ensaio aprovado em: 26/11/2022

Ensaio publicado em: 19/12/2022

SOBRE OS ASPECTOS AFETIVOS DO CETICISMO PIRRÔNICO

ON THE AFFECTIVE ASPECTS OF PYRRHONIAN SKEPTICISM

Victor Kreuz Carmo¹

(victorkreuz2001@hotmail.com)

Resumo: O objetivo deste trabalho é investigar as consequências emocionais ou afetivas do ceticismo pirrônico. A reflexão pirrônica sobre as emoções é bastante limitada, ocorrendo em grande parte em relação aos estados afetivos daquele que suspendeu o juízo sobre todas questões filosóficas, o chamado o cético completo. Dessa forma, a ataraxia, a ausência de perturbação, recebe destaque tanto por sua referência a estados afetivos quanto por ser dita o objetivo do ceticismo. A ataraxia servirá de base para pensar como pode ser a vida mental afetiva do cético, ou seja, o que essa ausência de perturbação implica para as emoções. Conclui-se ressaltando a diferença entre os dois autores abordados, Pirro de Élis e Sexto Empírico, a saber, o primeiro associa a ataraxia à indiferença, visando se livrar de emoções, e o segundo apresenta uma posição mais moderada, aceitando emoções inevitáveis.

Palavras-chave: Emoções. Paixões. Ceticismo.

Abstract: The purpose of this paper is to investigate the emotional or affective consequences of Pyrrhonian skepticism. The Pyrrhonian reflection on emotions is quite limited, occurring largely in relation to the affective states of the one who has suspended judgment on all philosophical questions, the so-called complete skeptic. In this way, ataraxia, the absence of disturbance, receives prominence both because of its reference to affective states and because it is said to be the goal of skepticism. Ataraxia will serve as a basis for thinking about how the skeptic's affective mental life can be, that is, what this absence of disturbance implies for the emotions. It concludes by highlighting the difference between the two authors discussed, Pyrrho of Elis and Sextus Empiricus, namely, the first associates ataraxia with indifference, aiming to get rid of emotions, and the second presents a more moderate position, accepting inevitable emotions.

Keywords: Emotions. Passions. Skepticism.

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0292334991321967>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5883-1718>.



INTRODUÇÃO

Emoções são partes constitutivas do ser humano, sejam negativas ou positivas. Esse aspecto afetivo, consequentemente, esteve no escopo da filosofia desde suas origens. Não pretendo me deter nos grandes nomes da Grécia antiga, mas sim me concentrar no período helenístico, mais precisamente nos céticos pirrônicos. Entretanto, não posso deixar de ressaltar que os céticos dialogavam com outras escolas do mesmo período, a saber, os epicuristas e os estoicos, na medida em que Sexto Empírico (séc. III d.C.), principal cético do período helenístico, costumava formular teses negativas para contrapor as teses positivas de seus rivais, inclusive fazendo uso dos mesmos pressupostos a fim de derrotá-los em seu próprio território. Isso abrangia diversas áreas da filosofia, como a lógica, a metafísica e a ética. Dessa forma, tendo em vista que os estoicos formularam uma complexa filosofia para responder o que são paixões (*pathé*), esperaríamos que Sexto tenha debatido com razoável extensão esse tema em seus textos. Além disso, que estenderia suas críticas também aos epicuristas, que apesar de não serem tão explícitos quanto os estoicos, também parecem ter formulado teses sobre o *pathos*. Porém, como veremos, não há quase nada nos textos céticos a respeito da natureza do *pathos*². O que há, porém, é a descrição do estado afetivo que o cético se encontra após seu percurso intelectual, sem pretensão normativa. Esse estado é dito preferível em relação ao estado afetivo dos dogmáticos, ou seja, seus rivais filosóficos.

Dessa forma, o que pretendo fazer neste trabalho é explorar os aspectos emocionais do ceticismo pirrônico, principalmente em Sexto Empírico, mas também passando por Pirro de Élis (365-275 a.C.), o dito fundador do pirronismo. Voltar a Pirro vai nos ajudar a entender a proposta de Sexto, além de proporcionar uma visão mais ampla do que o pirronismo tem a dizer sobre emoções. Vale ressaltar que não irei me deter na problemática da tradução do termo *pathé*. Usualmente traduzido por paixões, geralmente engloba afecções psicológicas mais gerais, que incluíam sensações físicas. Mas, tendo em vista que os céticos não usam o termo em nenhum sentido técnico, e que ele pelo menos sobrepõe o que chamamos de emoções, podemos falar das condições afetivas e emocionais dos pirrônicos sem entrarmos neste debate.

² Quanto ao ceticismo acadêmico, existem três trechos que apontam para um engajamento direto de Carnéades com os estoicos ao debater sobre o *pathos*. Mas são trechos breves, relativos às causas e remédios das *pathé*, que parecem fazer parte de um argumento mais abrangente. (ver Bett, 1998, p. 198)



1 PIRRO DE ELIS E AS EMOÇÕES

O ceticismo pirrônico é uma das duas correntes do ceticismo na antiguidade grega clássica, sendo a outra o ceticismo acadêmico³. Pirro de Élis, fundador do pirronismo, nada escreveu, sendo a principal fonte de sua filosofia passagens de seu discípulo Tímon de Fliunte (325-235 a.C.). Tanto com Pirro quanto com Sexto Empírico, o cético cujo pensamento será mais extensamente analisado neste trabalho, encontramos posições filosóficas bem parecidas quanto à vida emocional. Porém, existem diferenças importantes que não podem ser ignoradas. Do fundador até Sexto Empírico, filósofo e médico helenista cujas obras nos oferecem a mais completa descrição da escola cética disponível, o pirronismo não ficou imune a discordâncias internas, principalmente tendo em vista o espaço de cinco séculos entre os dois autores. Iremos começar com Pirro, examinando algumas passagens essenciais sobre sua filosofia. A primeira provém de Aristocles, conservada por Eusébio de Cesaréia (260-340 d.C.). Aristocles atribui a visão exposta nesse trecho à Tímon, que por sua vez atribui a seu mestre. Consequentemente, existe uma grande discussão sobre o que, na passagem, é de Aristocles, o que é de Tímon e o que é de Pirro:

208

Pirro de Élis não deixou nenhum escrito, mas seu discípulo Tímon diz que aquele que quer ser feliz deve considerar três pontos: em primeiro lugar, o que são as coisas em si mesmas? Depois, que disposições devemos ter em relação a elas? Finalmente, o que nos resultará dessas disposições? As coisas não têm diferença entre si, e são igualmente indiscerníveis, imensuráveis e indecidíveis [*adiaphora kai astathmêta kai anepikrita*]. Por isso, nossas sensações e nossos juízos não nos ensinam o verdadeiro nem o falso. Por conseguinte, não devemos nos fiar nem nos sentidos nem na razão, mas permanecer sem opinião, sem nos inclinarmos para um lado ou para o outro, impassíveis. Qualquer que seja a coisa que se trata, diremos que não se deve mais afirmá-la do que negá-la, ou que se deve afirmá-la e negá-la ao mesmo tempo, ou que não se deve nem afirmá-la nem negá-la. Se estivermos dispostos a isso alcançaremos primeiro a *afasia*, em seguida a *ataraxia* (*Praeparatio Evangelica*, XIV, XVIII, 2-5).

Podemos identificar alguns conceitos centrais que serão utilizados por pirrônicos posteriores: a indecidibilidade, que se refere a um estado que nos encontramos onde não conseguimos decidir entre as teses em disputa; a atitude sem opinião, que é a consequência da

³ A Academia de Platão possuiu uma fase cética, iniciada por Arcesilau (316-241 a.C.). Para ele, Sócrates e Platão eram legítimos céticos. Havia ênfase na maiêutica socrática como retratado nos diálogos iniciais, além da suspensão do juízo vista como o resultado inevitável de uma séria investigação filosófica. Para mais detalhes ver *Acadêmicos vs. Pirrônicos* (Bolzani, 2013).



indecidibilidade, pois se não há como decidir entre as teses o mais sensato parece ser reter o assentimento e se manter sem opinião; e a imperturbabilidade, que é o estado afetivo que o cético se encontra ao manter uma atitude sem opinião. Porém, alguns elementos ali presentes nos fazem suspeitar de uma possível ruptura entre Pirro e Sexto. Essa é a questão sobre a continuidade do pirronismo, ou seja, se Pirro de fato é um precursor do ceticismo exposto em Sexto Empírico, como uma versão inicial e menos desenvolvida. É importante notar que um aspecto decisivo das interpretações é que elas dependem, principalmente, de como se interpreta a frase em grego *adiaphora kai astathmêta kai anepikrita*. A interpretação que defende uma resposta positiva à questão da continuidade do pirronismo é chamada de epistêmica ou subjetiva, onde esses adjetivos se referem a nossa capacidade cognitiva. Pirro utilizará a tese de que não podemos conhecer para suspender o juízo, ou seja, a tese de que não podemos conhecer é metodológica. Nós não teríamos a capacidade de diferenciar as coisas, ou medi-las, ou decidir como elas são, com base nisso elas não seriam nem verdadeiras nem falsas e isso implicaria viver sem opiniões devido a inabilidade de decidir como as coisas são. Então, na medida em que ele suspende o juízo ele seria um legítimo precursor do ceticismo de Sexto. A opção contraposta, denominada objetiva ou metafísica, consiste em visualizar o ceticismo de Pirro apenas como um marco histórico, possuindo aspectos dogmáticos que em Sexto seriam totalmente recusados. Nessa interpretação os adjetivos gregos se referem a como as coisas são em si mesmas, ou seja, indiferentes, instáveis e indeterminadas. Logo, nós não poderíamos conhecer porque as coisas não permitem, e não porque nós não temos a capacidade. Mesmo suspendendo o juízo, que pode ser suficiente para ser considerado cético, essa afirmação seria mais forte ainda que a afirmação da interpretação subjetiva. A escassez de evidências torna esse empreendimento mais complicado, situação comum em diversos autores da filosofia antiga, fazendo com que os contornos da filosofia de Pirro sejam borrados e causando um grande conflito exegético⁴. Não me parece ser tão importante analisar extensamente e decidir entre essas duas interpretações dado nosso foco emocional. Suspendendo o juízo quanto à questão da continuidade do pirronismo, examinarei as consequências emocionais mais imediatas dessa filosofia.

O que temos em Pirro, então, é uma atitude investigativa que leva a uma tese negativa, a saber, que não conhecemos as coisas. Isso leva Pirro a suspender o juízo e não possuir crenças. Sexto não admitiria a tese de que não podemos conhecer as coisas, pois isso é claramente dogmático, mas na medida em que suspende o juízo, Pirro é um cético, e de fato o

⁴ Ver Svavarsson (2010) e Perin (2018).



primeiro a defender essa atitude sem opinião. Em seguida, essa atitude é dita como causadora da *ataraxia*, que por sua vez consiste em uma ausência de perturbação. É a partir dessa noção que tentaremos resgatar os aspectos emocionais do ceticismo. Vejamos mais uma passagem sobre Pirro que revela elementos importantes de sua noção de *ataraxia*, ausentes na primeira passagem:

Isso é o que Tímon diz sobre Pirro: ‘assim era o homem que eu via, modesto e inquebrável por todas pressões que subjugaram tanto famosos quanto não-conhecidos, oprimidos de um lado e de outro por paixões, opiniões e imposições sem sentido de leis. (Praeparatio Evangelica, XIV, XVIII, p. 762, tradução minha)⁵

Long e Sedley traduzem “*pathé*” por “passions” (paixões). Trataremos aqui o *pathos* como representando as emoções. Porém, como dito no início do texto, *pathos* pode se referir a uma afecção psicológica mais geral, que incluiria a sensação física. Mas mesmo que *pathos* não se refira diretamente a emoções, ou que “emoções” não seja a melhor tradução, a instabilidade que surge da atitude de ter crenças é representada como sendo emocionalmente desconfortável (BETT, 1998). Isso significa que Tímon está se referindo a perturbações emocionais, que por sua vez são causadas por termos opiniões e tentarmos impor leis sobre a natureza das coisas. E são justamente esses estados emocionais perturbadores que Pirro clama não ser vítima porque não possui crenças. A *ataraxia*, em Pirro, está fortemente conectada à noção de indiferença (*apatheia*). Tudo isso sugere uma certa imunidade a emoções, que parece ser confirmada por outra passagem, dessa vez de Diógenes Laércio:

Enquanto seus companheiros de viagem numa nau estavam nervosos por causa de uma tempestade, Pirro permanecia tranquilo e confiante, apontando para um porquinho que continuava a comer e acrescentando que aquela imperturbabilidade era um exemplo para o comportamento do sábio (*Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Diógenes Laércio, 9.68).

Diógenes Laércio diz dessa passagem que esse é o modelo da *ataraxia*, enquanto Plutarco foca na *apatheia* (impassividade ou indiferença), que por sua vez é caracterizada como algo que arranca fora ou despoja a humanidade da pessoa (*ekdunai ton anthrôpon*). Isso nos leva a entender a filosofia de Pirro como proporcionando o livramento, pelo menos em grande

⁵ “Timon indeed even says this of Pyrrho: ‘O what a man i knew, void of conceit, daunted by none, who whether known to fame or nameless o’er the frikle nations rule, this way and that weighed down by passion’s force, opinion false, and legislation vain’.”



parte, de emoções tipicamente humanas, como medo e raiva. Conectando com as passagens anteriores, isso se daria através da atitude sem crenças defendida por Pirro.

É realmente difícil imaginar uma vida sem emoções, mesmo com muito esforço. A proposta de Pirro não parece muito adequada, ainda mais se considerarmos sua escassez de argumentos. Pode-se argumentar, por exemplo, pela importância social e política das emoções, sua inevitabilidade e seu possível uso para a sociedade. Mas é ainda mais central a problemática quanto à real possibilidade de se despir de emoções da forma como Pirro sugere. Quanto a essa dificuldade, Diógenes Laércio relata uma resposta possível de Pirro

Em outra ocasião ficou agitado por causa da investida de um cão, e replicou a quem o criticou que era difícil desvencilhar-se inteiramente da debilidade humana, acrescentando que contra os fatos é necessário em primeiro lugar, sendo possível, lutar com atos, e não sendo possível, com a razão (DIÓGENES LAÉRCIO, 2014, Livro IX, §66).

Pirro ressalta a complexidade em concretizar o que seu pensamento determina, o que por sua vez pode indicar fragilidades e dificuldades em sua filosofia. De qualquer forma, é claro que Pirro quer se desvencilhar de emoções negativas. Além disso, há uma forte conexão entre a suspensão do juízo e a indiferença ou imperturbabilidade, mas não há uma explicação filosófica de como exatamente a primeira causa a segunda. Pirro relata (e é importante ressaltar o caráter de “relato”, ou seja, dizer como as coisas aparecem, sem pretensão de ser um discurso último e correto sobre a realidade) apenas que a indiferença se segue fortuitamente da suspensão do juízo. Sexto Empírico, por sua vez, também vai por esse caminho, como veremos a seguir.

211

2 SEXTO EMPÍRICO E AS EMOÇÕES

Sexto empírico escreveu diversas obras, inclusive é o cético cuja quantidade de textos que sobreviveram é a maior dentre todos os outros céticos. Sua obra *Esboços Pirrônicos*⁶ consiste em um resumo da filosofia cética, ou seja, uma exposição de seus conceitos e argumentos. Essa obra é dividida em três livros e duas partes. A primeira parte, chamada de geral, consiste no primeiro livro e se preocupa em expor a natureza e o propósito do ceticismo. A segunda parte, chamada de específica, contempla os outros dois livros e aplica os argumentos

⁶ Abreviarei os Esboços, nas citações, como PH, com base no título original da obra em grego *Pyrrōneioi hypotypōseis*.



céticos às outras filosofias vigentes na época. Além dos *Esboços Pirrônicos*, Sexto possui mais uma grande obra chamada *Contra os Matemáticos*, composta por onze livros: *Contra os Gramáticos*, *Contra os Geômetras*, *Contra os Retóricos*, *Contra os Aritméticos*, *Contra os Astrólogos*, *Contra os Músicos*, *Contra os Lógicos* (dividido em dois livros), *Contra os Físicos* (também dividido em dois) e *Contra os Éticos*. Esses livros desenvolvem com mais profundidade o que foi tratado na segunda parte dos *Esboços Pirrônicos*, ou seja, empregam os modos céticos de argumentar contra as filosofias dogmáticas.

Segundo Sexto Empírico, existem três tipos de filosofia: as que afirmam terem descoberto a verdade, as que afirmam que a verdade é inapreensível e as que seguem investigando (PH I 1-4). Os primeiros são os dogmáticos, os que possuem a pretensão de encontrar a verdade, de falar sobre o que está para além das aparências; os segundos são os acadêmicos ou dogmáticos negativos, pois têm a mesma pretensão dos dogmáticos de falar sobre a realidade, mas suas teses são negativas; o pirronismo se enquadra na terceira opção, ou seja, ao contrário do que normalmente se entende por ceticismo, o pirronismo não afirma que a verdade é impossível de ser apreendida, apenas se detém em suspender o juízo e seguir investigando. Os dogmáticos são aqueles que possuem dogmas, que por sua vez consistem em qualquer doutrina filosófica com a pretensão de falar sobre a realidade última. A suspensão do juízo (*epokhé*) é o conceito mais caro para o ceticismo, pois é através dele que essa filosofia se caracterizará como não-dogmática. Porém, antes de falar propriamente da *epokhé*, vejamos com mais detalhe como o cético chega nela.

É comum uma pessoa iniciar seus estudos em filosofia por se sentir perturbado em relação às anomalias e contradições presentes na vida. Não nos parece clara a natureza das coisas, e o que não falta é desacordo (*diaphonia*) entre opiniões. Com a esperança de que a filosofia nos ajude a acabar com essa perturbação, ou seja, atingir a tranquilidade (*ataraxia*) através da descoberta da verdade, lançamo-nos na jornada de esclarecer o mundo e suas leis gerais, delimitar os limites do conhecimento ou entender a natureza da linguagem. É um desejo de saber se p ou não-p é o caso, ou seja, um interesse em conhecer (PH I 13 e 26). Mas, pelo contrário, o que encontramos é apenas mais desacordos, alimentados pela crescente diversidade de pontos de vista incompatíveis uns com os outros. Além disso, na medida em que nos aprofundamos cada vez mais nos estudos, percebemos que a cada tese é possível contrapor uma tese contrária de mesma força persuasiva, gerando um equilíbrio entre as teses chamado pelos céticos de equipolência (*isosthéneia*). Dada a situação, o cético se vê incapaz de escolher entre as teses, suspendendo o juízo. Isso não significa dizer que não existe



resposta para a questão em debate, mas sim que naquele momento a situação parece ser de empate para os dois lados. Quando houver novos argumentos o cético voltará à sua investigação, buscando contra-argumentos para demonstrar a equipolência. Ele mesmo pode formular tais contra-argumentos para produzir a equipolência e assim voltar a suspender o juízo. Existem modos ou tropos argumentativos para isso, como os cinco modos de Agripa e os dez modos de Enesidemo⁷. A habilidade de opor argumentos é uma das principais características de um pirrônico. Após suspender o juízo, o cético, como de surpresa, se vê no estado de tranquilidade ou imperturbabilidade buscado em primeiro lugar. A suspensão do juízo também age na crença que aparentemente gerou as perturbações iniciais desse sujeito, no caso a crença que a verdade (em um sentido objetivo e dogmático) deve ser buscada. Veremos, em nossa revisão de *Contra os Éticos*, que no âmbito moral também temos uma grande quantidade de perturbação eliminada a partir da suspensão. A passagem da suspensão do juízo para a tranquilidade é ilustrada por Sexto a partir de uma metáfora do pintor Apeles, que não conseguia pintar a espuma na boca de um cavalo mas, ao jogar enraivecido a esponja sobre o quadro, por acaso consegue a textura que queria (PH I 28). Essa metáfora é utilizada principalmente para mostrar que não há relação causal entre a suspensão do juízo e a tranquilidade, mas sim que esta última é comumente vista ao final das investigações dos céticos.

A suspensão do juízo, por sua vez, é um estado do intelecto no qual não afirmamos nem negamos nada (PH I 10). Isso significa um estado de não asserção, uma retenção do assentimento. É uma atitude que visa se livrar de crenças dogmáticas, que consistem em asserções ao não evidente. A frase “eu suspendo o juízo” possui o mesmo significado de “eu sou incapaz de dizer em qual das alternativas propostas devo acreditar e em qual não devo acreditar” (PH I 196). Dessa forma, o cético diz viver sem crenças ou opiniões (*adoxastos*)⁸. O

⁷ Os modos de Agripa se tornaram, na filosofia contemporânea, um obstáculo para os teóricos da justificação: os dois primeiros modos fazem surgir a necessidade de razões para aceitar uma crença, enquanto os outros três visam minar as tentativas de se obter tais razões. Para uma abordagem neo-pirrônica da epistemologia contemporânea, ver *Reflexões pirrônicas sobre o conhecimento e a justificação* (FOGELIN, 2017[1994]).

⁸ Uma famosa objeção ao ceticismo é a respeito da sua própria possibilidade prática. Será realmente possível uma vida sem crenças? O que devemos considerar como dogma e o que devemos considerar como fenômeno? Essas questões versam sobre o mesmo problema, a saber, o escopo da suspensão do juízo. O que se quer saber é o quão diferente é a vida de um cético da vida de uma pessoa comum, ou então se a suspensão do juízo atinge até as crenças mais banais. Existem duas interpretações principais do ceticismo que visam esclarecer esse problema: a interpretação rústica defende que a suspensão do juízo engloba todas e quaisquer crenças, inclusive as crenças da vida comum; a interpretação urbana, ao contrário, defende que a suspensão do juízo não se dá para todas as crenças, apenas para as filosóficas e científicas, mantendo imune as crenças da vida cotidiana (BURNYEAT, 1980; FREDE, 1987). Uma das formas de resolver essa questão é pensar que existem dogmas tanto na vida comum quanto na filosofia. Independente do âmbito, o cético não possui crenças dogmáticas, mas é possível ter crenças não-dogmáticas tanto na vida comum quanto na filosofia (SMITH, 2017, p. 130)



que resta após a suspensão do juízo é o fenômeno ou o que aparece (*phainómenon*), que servirá de critério de ação no pirronismo. O fenômeno, que é uma experiência-de-mundo, é imune à suspensão do juízo e nos permite viver a vida normalmente. O que aparece nos é suficiente para servir de guia prático para a ação. O discurso do cético, como a própria exposição dos *Esboços Pirrônicos*, se dá como uma narrativa do que lhe aparece, não tendo pretensão de falar sobre como as coisas são.

O ceticismo, então, caracteriza-se por uma atitude investigativa e examinadora, que avalia os argumentos disponíveis e realiza oposições entre eles de forma a gerar uma equipolência. Avesso ao dogmatismo, propõe uma filosofia que parece mais uma atitude ou habilidade do que uma doutrina. Contrapõe-se àqueles que dizem ter descoberto a verdade, demonstrando, através de argumentos, as falhas no raciocínio adversário. Seus defensores até mesmo aderem temporariamente ao modo dogmático de discursar e aos seus conceitos, mas apenas para poderem derrotá-los a partir de seus próprios pressupostos.

E quanto às emoções no pirronismo sextiano? Em primeiro lugar, não há um tratamento sistemático do *pathos* nas obras de Sexto, o que é definitivamente estranho considerando que o mesmo trata de uma variedade de assuntos com o propósito de opor as teses dogmáticas para atingir a suspensão do juízo. Em sua obra *Contra os Éticos*, lugar que poderia se encontrar tal discussão, Sexto foca no debate da natureza boa ou má das coisas. O que é possível fazer é resgatar as consequências emocionais de seu posicionamento. Para isso, passaremos por uma breve exposição de *Contra os Éticos*.

Segundo Sexto Empírico, os dogmáticos perseguem de forma obsessiva ou intensa as coisas pelas quais eles são atraídos, e procuram evitar de forma igualmente intensa aquilo que não gostam. Essa atitude dos dogmáticos, segundo Sexto, é causada por crenças relativas à natureza das coisas, a saber, que existem coisas boas e existem coisas ruins. Além disso, essa mesma atitude traz efeitos emocionais perturbantes, pois tal perseguição intensa é acompanhada de turbulências e frenesis, afinal, é de grande importância para a pessoa que ela tenha, ou não tenha, a coisa em questão. Mesmo que ela chegue a conseguir o que desejava, ela faz de tudo para não a perder; o mesmo se dá com quem consegue evitar algo ruim, ou seja, ela faz de tudo para continuar evitando. O cético se diz livre de todas essas perturbações por não possuir a crença que as coisas em questão são boas ou ruins, que fundamentaria tais comportamentos. Porém, Sexto admite que não são todas as perturbações que são eliminadas, afinal a pessoa ainda sentirá fome, sede, dor, etc. Mas mesmo assim o cético se encontraria em uma posição melhor que a do dogmático, pois a perturbação extra que surge com a crença



de que a dor, por exemplo, é por natureza ruim, não existiria⁹. A moderação das afecções (*metriopatheia*) também é um aspecto importante da vida emocional do cético, referindo-se aos *pathê* que se mostram como inevitáveis e a capacidade de mitigar o sofrimento através da suspensão do juízo quanto ao caráter moral desses *pathê*.

Mas como seria, afinal, o estado emocional do cético de acordo com o Sexto Empírico? Pode parecer que seria completamente sem emoções, mas isso não se segue. O cético teria várias experiências emocionais psicológicas. Mesmo suspendendo o juízo sobre crenças filosóficas, ou seja, dogmas, ele ainda possui o que aparece para lhe guiar. Isso inclui, por exemplo, leis básicas e costumes culturais que o sujeito internaliza ao longo de sua vida, lhe proporcionando inclinações praticamente inconscientes direcionadas a diversas atitudes e consequências dessas atitudes. Atitudes induzidas culturalmente geralmente possuem um componente emocional, como por exemplo você crescer em uma sociedade que repudia a morte e preza pela preservação da vida, uma repulsa surgiria no sujeito perante a situação de matar outro ser humano. É inevitável termos emoções ao nos depararmos com escolhas, pelo menos escolhas difíceis. São eventos psicológicos e afetivos com força motivacional, e, como argumenta Bett, possuem os requisitos para plausivelmente serem incluídas como emoções pois possuem complexidade cognitiva. A diferença entre o cético e outra pessoa não cética, supondo que eles vivem na mesma sociedade e cultura, seria que o cético não inclui nem pressupõe crenças sobre a natureza das coisas, não possui dogmas. Se você cresce em uma sociedade que repudia mortes, você passa a acreditar que mortes são erradas, logo haveria um repúdio tanto consciente quanto inconsciente. O cético teria repulsa puramente por ter sido criado nessa cultura, mas não por ter a crença de que é algo ruim em si mesmo. O condicionamento cultural seria profundo o bastante para causar a inclinação em sentir repulsa mesmo não tendo dogmas. Mas, se tomarmos como pressuposto que emoções devem necessariamente pressupor crenças, como fazem alguns filósofos contemporâneos, talvez esses sentimentos culturalmente induzidos não sejam considerados emoções, mas, como argumenta Bett, o rótulo de “emoções” parece não importar muito nessa discussão, pois esses estados induzidos moldam ações e tem, pelo menos em parte, estados afetivos. Pode ser objetado que os costumes e condicionamentos

⁹ Richard Bett (1998) apresenta interessantes contrapontos à essa visão. Primeiramente, não fica claro como a ausência de crenças causa necessariamente a ausência de perturbações. Pode não ser o caso para algumas pessoas que não ter crenças as livrarias de estados emocionais ruins, pelo contrário, talvez ela se sinta vazia e insegura. Em segundo lugar, não parece necessário que a causa de perturbações sejam crenças sobre a natureza boa ou má das coisas. É facilmente concebível que alguém possa crer que existem certas coisas boas ou ruins, mas mesmo assim não as perseguir de forma intensa e exagerada. Não irei focar nessas críticas, mas considero-as importante o suficiente para não as ignorar completamente.



culturais são baseados em crenças, mas a isso pode-se responder ressaltando que as crenças que os céticos não possuem são as filosóficas, que se referem a natureza das coisas, ou seja, dogmas. Os costumes, por sua vez, não parecem necessariamente exigir dogmas.

Além de sentimentos culturalmente condicionados, em Sexto podemos concluir que as emoções que têm mais destaque são a perturbação gerada pelo desacordo entre opiniões, consistindo na força geradora do ceticismo, que o engaja na filosofia e o faz desenvolver sua habilidade de opor ideias e fenômenos, e a tranquilidade que se segue da suspensão do juízo, vista como objetivo do ceticismo e um acontecimento fortuito.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comparando as posições de Pirro e Sexto, podemos perceber que Pirro busca diminuir ou eliminar todas suas emoções e reações ao mundo ao seu redor. Evitar ser um ser humano o máximo possível. Por outro lado, Sexto Empírico é mais modesto. O autor considera que existem emoções que são inevitáveis, apesar de podermos eliminar algumas, a saber, as mais intensas. Não há evidências sugerindo que Sexto busque eliminar completamente todas emoções. Provavelmente esse objetivo era único de Pirro. Porém, ambos parecem concordar que é preferível evitar estados emocionais perturbadores, além de considerarem essa ataraxia como consequência de suas filosofias, ou seja, como consequência de não terem pretensões de oferecer uma descrição determinante de como as coisas são por natureza. A ataraxia, para Pirro, envolve impassividade, envolve se livrar de emoções o máximo possível. Em Sexto Empírico, a ataraxia é a supressão de emoções que tem por base crenças dogmáticas. De qualquer forma, o ceticismo como apresentado por Sexto, relativo à situação emocional de quem adere a tal posição, parece-me mais bem elaborado e coerente.

Uma das definições de emoção na contemporaneidade é de emoções como crença somada a desejo. A perturbação que proporcionou o princípio causal seria uma crença de que a verdade é um bem objetivo e um desejo de obtê-la, enquanto perturbações morais seriam a crença na natureza boa ou má da coisa e um desejo de obtê-la ou evitá-la. Mas o que seria o desejo, por sua vez? Não seria ele motivado por uma crença, nem que seja uma crença inconsciente? Entender a natureza de crença e desejo parece ser essencial para esse debate. Se o cético não possui crenças, pode ele continuar com desejos? Desejos seriam baseados nos condicionamentos culturais, portanto inevitáveis e no escopo da



moderação das afecções na medida em que motivam emoções? Por outro lado, qual a natureza dessas crenças a que Sexto se refere? Existe um extenso debate entre os especialistas do pirronismo sobre as crenças no cético, onde um dos lados afirma que não há nenhuma crença no pirronismo e o outro lado diz que existem tipos de crenças que o cético pode ter. Certamente esse debate é relevante para pensarmos o estado emocional no ceticismo. Dessa forma, esse trabalho procurou introduzir o debate e mostrar alguns possíveis caminhos a serem percorridos nesta investigação.



REFERÊNCIAS

- BETT, Richard. The skeptics and the emotions. In: SIHVOLA, J.; PEDERSEN, T. E. (Ed.). *The Emotions in Hellenistic Philosophy*. Kluwer Academic Publishers, 1998, pp. 197-218.
- BOLZANI, Roberto. *Acadêmicos versus pirrônicos*. São Paulo: Alameda, 2013.
- BROCHARD, Victor. *Os cétricos gregos*. Trad. Jaimir Conte, São Paulo: Editora Odysseus, 2010.
- BURNYEAT, Myles. Can the sceptic live his skepticism? In: BURNYEAT, Myles; BARNES, Jonathan; SCHOFIELD, Malcolm (Ed.). *Doubt and dogmatism: Studies in Hellenistic epistemology*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1980, pp. 20-53.
- EMPÍRICO, Sextus. *Outlines of skepticism*. Trad. Julia Annas e Jonathan Barnes. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- EMPÍRICO, Sextus. *Against the logicians*. Trad. Richard Bett. Cambridge: Cambridge University Press: 2005.
- EUSÉBIO. *Praeparatio evangelica*. Trad. Edwin Hamilton Gifford. Oxonii E Typographeo Academico: 1903.
- FOGELIN, Robert. *Reflexões pirrônicas sobre o conhecimento e a justificação*. Trad. Israel Vilas Bôas. Salvador: Edufba, 2017.
- FREDE, Michael. The skeptic's beliefs. In: FREDE, M. (Ed.). *Essays in ancient philosophy*. Mineápolis: University of Minnesota Press, 1987, pp. 179-200.
- LAÉRCIO, Diógenes. *Vidas e Doutrinas de Filósofos Ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.
- PERIN, Casey. Pyrrho and Timon. In: MACHUCA, D.; REED, B. (Ed.). *Skepticism: from antiquity to the present*. Nova Iorque: Bloomsbury, 2018.
- PETTERSEN, Bruno. O pirronismo e as paixões: entre a indiferença e a ataraxia. *Sapere Aude*, v. 10, n. 19, p. 43-60, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2019v10n19p43-60>.
- SMITH, Plínio. *Uma visão cétrica de mundo: Porchat e a filosofia*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- SPINELLI, Emídio. Passions, affections and emotions: a coherent pyrrhonian approach. *Sképsis*, Vol. XI, N. 20, 2020, p. 20-30.
- SVAVARSSON, Svavar. Pyrrho and early Pyrrhonism. In: BETT, Richard. (Ed.). *The Cambridge Companion to Ancient Skepticism*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010, pp. 36-57.

